



**TEMPORADA OSESP 2020
CONCERTOS SINFÔNICOS**

15.10 quinta 19H e 21H15 PAU-BRASIL
16.10 sexta 19H e 21H15 SAPUCAIA
17.10 sábado 15H15 e 17H30 JEQUITIBA

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO
DE SÃO PAULO – OSESP**

ALEXANDER LIEBREICH REGENTE

ARVO PÄRT [1935]
Für Lennart in Memoriam [2007]
7 MIN

JOHANNES BRAHMS [1833-1897]
Sinfonia nº 1 em Dó Menor, Op. 68 [1855-76]
UN POCO SOSTENUTO. ALLEGRO
ANDANTE SOSTENUTO
UN POCO ALLEGRETTO E GRAZIOSO
ADAGIO. PIÙ ANDANTE. ALLEGRO NON TROPPO,
MA CON BRIO
45 MIN

PÄRT
Für Lennart in Memoriam

Für Lennart in Memoriam [Para Lennart in memoriam], para orquestra de cordas, foi composta no início de 2006 a partir de um pedido de Lennart Meri. O ex-presidente da Estônia havia desejado que uma música composta por Pärt fosse tocada em sua cerimônia fúnebre.

Arvo Pärt e Lennart Meri se conheceram na juventude. Nos anos 1960, foram colegas na Rádio Estoniana, onde Pärt trabalhava no departamento de música e Meri no teatro de rádio. Durante a vida, seus caminhos se cruzaram muitas vezes, mesmo que brevemente. "Acredito que, agora, seríamos muito mais parecidos que quando jovens, certamente", disse Pärt.

Quando começou a compor a peça, os pensamentos de Pärt o levaram à 6ª ode da canção coral *a cappella Kanon Pokajanen*, que se tornou o cerne da composição instrumental *Für Lennart in Memoriam*. Essa bela prece em cânone, usada na Igreja eslava, se refere ao mar (*meri* – "mar" em estônio) como um símbolo e é usada em cerimônias fúnebres. Na seção central da composição, Pärt utilizou um breve cântico aos mortos de Archimandrite Sophrony (1896-1993).

Como é característico em Pärt, tanto nas obras vocais como em algumas obras instrumentais, o texto se adapta à música absorvendo a prosódia, o número de sílabas das palavras e outros parâmetros para atingir um fluxo similar ao da fala, além de um sentido de frase musical que dá espaço para a respiração natural. "Esses cânticos são para todos, como cânticos aos mortos, os amados e os desconhecidos. Ao escrever uma peça como esta, você é como o guardião de alguém", disse Pärt.

A composição foi tocada pela primeira vez na cerimônia fúnebre de Lennart Meri em 26 de março de 2006, na Igreja de São Charles [em Talin], pela Orquestra de Câmara de Talin regida por Tõnu Kaljuste.

TEXTO DISPONÍVEL NO SITE DO ARVO PÄRT CENTRE,
GENTILMENTE CEDIDO À OSESP. TRADUÇÃO DE JÚLIA TYGEL.

BRAHMS
Sinfonia nº 1

Há elogios que pesam como chumbo. Em 1862, após uma primeira audição op-nense do *Quarteto em Dó Menor, op. 25*, o violinista Josef Hellmesberger proclamava que na pessoa de seu compositor, Johannes Brahms, surgia enfim o herdeiro e sucessor de Beethoven; em 1876, ao ouvir pela primeira vez a primeira sinfonia do mesmo autor, o maestro Hans von Bülow voltaria à carga, afirmando que a peça era nada mais nada menos que a décima sinfonia de Beethoven.

Nesse arco de quatorze anos, Brahms trabalhou duramente na composição de uma peça sinfônica de fôlego, enquanto acumulava uma obra considerável para piano e para diversas formações de câmara. Começou a escrever a sinfonia em 1862, talvez antes, e só a concluiu no verão de 1876. Não era empresa fácil, pois o termo de comparação era árduo e o sal polêmico dos elogios não passavam despercebidos para ninguém. Naquela altura do século, escrever uma sinfonia beethoveniana significava também contrapor-se à concorrência aguerrida do poema sinfônico à maneira de Liszt e Wagner, com seu teor programático ou narrativo e seu culto de um dinamismo desdenhoso das simetrias clássicas.

A *Sinfonia nº 1 em Dó Menor, op. 68*, foi executada pela primeira vez em novembro de 1876, em Karlsruhe e não decepcionou as expectativas, tanto pela beleza flagrante e pela intensidade anímica da peça, como também por seu corte compositivo. São quatro movimentos à maneira clássica, expostos e desenvolvidos segundo os cânones da forma sonata, numa progressão que leva o ouvinte de um primeiro movimento mais sombrio, em dó menor, a um quarto movimento cada vez mais luminoso, até a conclusão em dó maior, o todo regido por um desejo de simetria que não esconde suas raízes clássicas com direito, ao fim da sinfonia, a uma citação inconfundível de um tema melódico do *finale* coral da *Nona Sinfonia* de Beethoven.

Contudo, a homenagem e a remissão ao modelo não anulam a voz singular de um compositor que, então aos 43 anos, já não se podia chamar discípulo de ninguém. De fato, partindo das formas clássicas da sinfonia, Brahms lhe imprime tons próprios e a leva a regiões menos visitadas por seus mestres vienenses. O desenvolvimento do material temático, por exemplo, faz pensar rapidamente no tratamento canônico e fugal que se ouvia na *Nona*; Brahms, entretanto, não o submete a um motor de progressão tão enfático quanto o da sinfonia coral, e o resultado é um movimento de expansão em espiral, a partir de pequenas células (como bem notou Schönberg), num ritmo de desenvolvimentos interrompidos e retomados repetidas vezes, com enorme poder de sugestão dramática.

Ao mesmo tempo, essa expansão sonora, que afinal conclama toda a orquestra a soar, conserva paradoxalmente algo de íntimo e camerístico; ao contrário de Beethoven, Brahms não aspira a nenhuma reverberação cívica, napoleônica, e mesmo nos momentos mais afirmativos conserva um tom elegíaco, de drama muito intenso, mas puramente interior, como que feito de anseios que nunca se resolvem. Esse teor íntimo se faz ouvir de vários lados: por exemplo, no destaque dado ao timbre médio e caloroso das vozes e clarinetes (instrumentos para os quais escreveu grande música de câmara), ou então, bem no centro da *Sinfonia nº 1*, no segundo movimento, um *andante sostenuto* em que Brahms trata a orquestra quase à maneira de um quarteto de cordas, chegando à beira do lirismo vocal.

Vencido o obstáculo de escrever a primeira, Brahms escreveria suas outras três sinfonias em prazo bastante curto e sempre, é curioso notar, durante o verão. Em 1876, encontrou um caminho para filiar-se à tradição clássica sem com isso anular sua voz pessoal, feita de intensidade e contenção, explosão sonora e pendor camerístico. Podia então responder ao elogio de von Bülow, afirmando que "não sou Beethoven, mas sou Johannes Brahms".

[2012]

SAMUEL TITAN JR.
É TRADUTOR, PROFESSOR NA DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA DA USP E COORDENADOR EDITORIAL DO INSTITUTO MOREIRA SALLES.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

—
Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Oseps. A partir deste ano, Thierry Fischer é Diretor Musical e Regente Titular, tendo sido precedido por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra, de 2012 a 2019. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com o Carnegie Hall, com a *Nona Sinfonia* de Beethoven cantada ineditamente em português. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabchevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista *Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.

ALEXANDER LIEBREICH REGENTE

—
ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM AGOSTO DE 2018
—
Regente Titular e Diretor Musical da Orquestra Sinfônica da Rádio de Praga, o maestro alemão teve os mesmos postos na Rádio Nacional Polonesa – com a qual foi premiado no International Classical Music Awards (ICMA), em 2017 – e na Orquestra de Câmara de Munique. É Diretor Artístico do Festival Richard Strauss em Garmisch-Partenkirchen, tendo sido nomeado líder da Associação Richard Strauss, e foi Diretor Artístico do Festival Katowice Kultura Natura (Polônia). Em 2017 e 2019, reger a Orquestra do Festival de Inverno de Campos do Jordão.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER

VIOLINOS
DAVI GRATON
ADRIAN PETRUTIU
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CESAR A. MIRANDA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
KATIA SPASSOVA
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHORAL
RODOLFO LOTA
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA
GUSTAVO PRATES**

VIOLAS
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
DAVID MARGUES SILVA
EDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLEGA VASILIEVICH
SARAH PIREZ
VLADIMIR KLEMENTIEV

VIOLONCELOS
RODRIGO ANDRADE
ADRIANA HOLTZ
BRAULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JIO DOH
MARIALBI TRISOLO
REGINA VASCONCELOS

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
MARCOS DELESTRE
ALMIR AMARANTE
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
JOSE ANANIAS SOUZA LOPES

OBOES
NATA ALBUQUERQUE JR. CORNE
INGLES
PETER APPS

CLARINETES
NIVALDO ORSI CLARONE
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
JOSÉ ARION LINAREZ
ROMÉU RABELO CONTRAFAGOTE
VIVIAN MEIRA CONTRAFAGOTE**

TROMPAS
ANDRÉ GONÇALVES
LUIZ LARA
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
MAURO STAHL**

TROMBONES
DARCIO GIANELLI
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TIMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE EMÉRITO

(*) CARGO INTERINO
(**) ACADEMIADO DA OSESP

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETARIA EXECUTIVA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

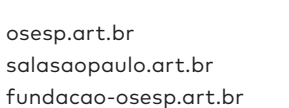
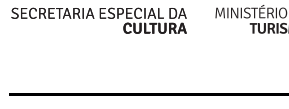
VICE-PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI

CONSELHEIROS
ANA CARLA ABRÃO
CÉLIA PARNES
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
JAYME GARFINKEL
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MARIO ENGLER
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
PÉRSIO ARIDA
SERGIO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS
ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA



f /oseps

t /oseps

@ /oseps_

oseps.art.br

salasaopaulo.art.br

fundacao-oseps.art.br